

O EMPODERAMENTO DAS MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS DENTRO DO QUILOMBO: UMA EXPERIÊNCIA REALIZADA NA VILA DO LIVRAMENTO, EM IGARAPÉ-AÇU/PA

Gabriela Estéfany Pinheiro Souza

Fernanda de Nazaré Martins da Silva

Sandra Silva de Lima

Soraia Silva de Lima

Alcione Santos de Souza

Gabriela Estéfany Pinheiro Souza – Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará – UEPA, residente da cidade de Igarapé-Açu, no estado do Pará, Brasil. E-mail: gpinhe6@gmail.com

Sandra Silva de Lima – Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará – UEPA. E-mail: SandraSlima96@gmail.com

Soraia Silva de Lima – Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará – Uepa. E-mail: soraisilva0@gmail.com

Fernanda de Nazaré Martins da Silva – Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará – UEPA. E-mail: nandamartins2702@gmail.com

Alcione Santos de Souza – Professora da Universidade do Estado do Pará - UEPA - Orientadora – Doutora em Geografia pela RN. E-mail: alcione.souza@uepa.br

RESUMO

O presente estudo aborda o processo em relação ao empoderamento das mulheres negras quilombolas na Comunidade de Remanescentes Quilombolas Nossa Senhora do Livramento, localizada no Município de Igarapé-Açu/PA, na Vila Livramento. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma revisão bibliográfica, pesquisa participante, escrivência e na realização de uma entrevista semiestruturada com foco em algumas mulheres da localidade, possibilitando assim compreender suas vivências, percepções e formas de atuação social. O estudo evidencia que, historicamente, as mulheres quilombolas ocupam posições centrais na preservação cultural, na organização social dentro da comunidade e na resistência coletiva, embora essas mulheres tenham enfrentado alguns desafios como silenciamento e desigualdades vinculadas ao racismo e ao patriarcado. Desse modo, os resultados apontam avanços significativos no reconhecimento social e na participação feminina em espaços de decisões, especialmente através da educação, da organização comunitária e da autonomia econômica. Contudo, permanecem desafios relacionados à efetivação de direitos e ao acesso a políticas públicas, reforçando a necessidade de ações contínuas de fortalecimento do empoderamento feminino quilombola.

Palavras-chave: Mulheres quilombolas. Empoderamento. Comunidade quilombola.

INTRODUÇÃO

Ao longo das décadas no Brasil, muitos quilombolas se constituíram como espaço de resistência à opressão racial e social, o qual preservaram suas culturas e crenças, mesmo com diversos desafios vinculados.

Então, esta pesquisa busca discutir em relação ao empoderamento das mulheres negras dentro do quilombo. Pois foi por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Interdisciplinar, cujo subprojeto é: “Educação Quilombola nas escolas: diversidade e interdisciplinaridade na Amazônia”, que podemos estar pesquisando em relação à temática recorrente, o qual foi realizado em uma comunidade de remanescentes quilombolas.

A justificativa da pesquisa parte do interesse que tivemos por meio do subprojeto Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) interdisciplinar, com o intuito de analisar em relação ao empoderamento das mulheres negras quilombolas dentro de uma comunidade de quilombos. Pesquisar como essas mulheres são vistas dentro da comunidade local, se são respeitadas e se têm vozes.

Em relação à metodologia da pesquisa, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, as quais possibilitam uma compreensão mais aprofundada das experiências e percepções das participantes acerca da temática. A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade de Remanescentes Quilombolas, localizada na Vila Nossa Senhora do Livramento, no município de Igarapé-Açu/PA, envolvendo moradores da localidade, selecionados a partir de suas vivências, conhecimentos da realidade local e contribuições significativas relacionadas ao objeto de estudo.

Em vista disso, a problematização levantada nesta pesquisa busca analisar o empoderamento das mulheres negras quilombolas dentro de uma comunidade pesquisada. Com isso, surge a questão-problema para dar embasamento à pesquisa, que descreve a seguinte pergunta: como ocorre o empoderamento das mulheres negras dentro da comunidade quilombola no Livramento, considerando os avanços históricos, legais e os desafios ainda enfrentados? A partir dessa indagação, pretende-se compreender de que forma a voz feminina

circula dentro da comunidade, evidenciando como essas mulheres se afirmam como protagonistas na luta por direitos, reconhecimento e igualdade perante sua identidade.

Desse modo, tem-se como objetivo geral analisar as formas de empoderamento das mulheres quilombolas na Comunidade de Nossa Senhora do Livramento, em Igarapé-Açu/PA, a partir de suas experiências, atuações comunitárias e trajetórias de firmeza no território. Como objetivos específicos, busca-se compreender a participação das mulheres quilombolas na organização e na resistência da comunidade; identificar como o empoderamento das mulheres quilombolas se manifesta no cotidiano da comunidade; por fim, descrever as contribuições das mulheres quilombolas para a vida comunitária e social do território.

METODOLOGIA

A pesquisa deu início através de uma revisão bibliográfica, pois, de acordo com Gil (2002, p. 44), essa pesquisa “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Ou seja, é um processo que ocorre por meio de outros materiais prontos, para dar ênfase em demais trabalhos que estão em desenvolvimento e assim, enriquecer a pesquisa.

A pesquisa também se caracteriza como uma pesquisa participante. A pesquisa participante é um método qualitativo em que o investigador se insere ativamente na comunidade estudada, colaborando com os participantes para analisar e transformar sua realidade.

Outra característica dessa pesquisa consiste na metodologia da escrevivência, conceito criado pela escritora brasileira Conceição Evaristo, conforme Duarte (2020), refere-se a uma prática de escrita e pesquisa que nasce da vivência e da memória coletiva de mulheres negras. Mais do que uma simples técnica, é uma proposta ético-política e decolonial que busca dar visibilidade às experiências de subalternidade e resistência do povo negro, rompendo com o silenciamento imposto pelo racismo e pelo machismo.

Além disso, a pesquisa adotou uma abordagem de caráter qualitativo, em que, segundo o que Brandão (2001) descreve, a pesquisa qualitativa busca compreender os significados atribuídos pelos indivíduos às suas experiências e interações sociais, a partir da interpretação da realidade vivida. Desse modo, torna-se possível analisar as práticas sociais e as dinâmicas da comunidade, favorecendo a compreensão de suas tradições culturais.

Ademais, para o instrumento da coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada. Então, conforme descreve Minayo (2009), a entrevista semiestruturada possibilita flexibilidade na condução das perguntas, combinando questões abertas e fechadas.

favorecendo assim uma compreensão mais aprofundada do tema. Dessa forma, possibilitando ainda mais a obtenção de informações relevantes e aprofundadas da pesquisa.

Continuando, o lócus da pesquisa ocorreu na Comunidade dos Remanescentes Quilombolas, a qual pertence ao município de Igarapé-Açu/PA, localizada na vila Nossa Senhora do Livramento. A comunidade apresenta características sociais e culturais próprias, as quais se relacionam diretamente com o objeto de estudo, nos possibilitando assim uma análise mais aprofundada da realidade e vivência das pessoas da localidade.

Dando continuidade, os sujeitos que participaram da pesquisa foram alguns dos moradores locais, compostos pela professora da localidade, pela ex-líder da comunidade, as atual líder e vice-líder, pois são uma das mulheres mais importantes de dentro do local, que já têm uma certa vivência desde o passado até a atualidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A ATUAÇÃO QUE AS MULHERES TINHAM NO PASSADO EM RELAÇÃO AO EMPODERAMENTO DENTRO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS.

Ao analisar a posição social da mulher negra, em especial a quilombola no Brasil, é possível perceber que sua experiência de exclusão não é acidental, mas resultado de processos históricos e estruturais. Uma vez que, conforme ressalta Bastos (2012, p. 02):

O ser mulher negra é uma condição social e cultural que tem muito peso nos processos de formação das identidades dos jovens quilombolas, pois o gênero e a raça fazem grande diferença na construção das suas autoimagens. Isto porque as representações sociais de gênero e raça reproduzem preconceitos e estereótipos negativos que são internalizados desde a primeira infância por um tipo de educação, inclusive a escolar, sustentada pelas ideologias do racismo e do patriarcalismo.

Historicamente, a mulher negra no Brasil foi construída socialmente como figura periférica, alvo de preconceito e limitada a papéis de subordinação. Pois a imagem do “ser quilombola” já é alvo de extremo racismo pelo povo dominante, onde contém sempre comentários racistas contra muitas dessas pessoas, em especial as mulheres quilombolas, uma vez que quando se fala de “quilombo”, estamos nos relacionando não só às pessoas, mas também a um território marcado por memórias, lutas e persistências. Assim como descreve Nascimento (2018, p. 7):

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias da destruição.

Vale ressaltar que os quilombolas foram pessoas que tiveram um grande empenho na manutenção das culturas, dos círculos sociais e econômicos, em especial as mulheres quilombolas. Entretanto, esse processo de reconhecimento pelo que essas mulheres realizavam era marcado pela desvalorização social e pelo silenciamento de suas vozes, tanto dentro das comunidades quanto nos documentos históricos oficiais. Uma vez que essas mulheres tiveram seus passados silenciados pelo fato do racismo e do patriarcado, onde os homens sempre ficavam à frente de todo o controle econômico da família.

Desse modo, o empoderamento das mulheres negras quilombolas podem ser compreendido como resultado de um processo histórico de resistência e opressão. Então, em relação à comunidade Quilombola do Livramento, em Igarapé-Açu/PA, apesar das desigualdades de gêneros, as mulheres sempre atuaram e atuam na sustentação da vida e no cuidado em relação à identidade Quilombola.

Durante muito tempo, as mulheres quilombolas eram vistas principalmente pelos seus papéis tradicionais como cuidadoras e responsáveis pelos trabalhos domésticos. Elas sempre tiveram função essencial dentro das comunidades, mas nem sempre tinham os direitos oferecidos e o reconhecimento que elas lutavam sempre, era como se fosse apenas obrigação, e não uma contribuição fundamental para sobrevivência e organização do Quilombo.

O PAPEL DAS MULHERES EMPODERADAS NAS DÉCADAS ATUAIS DENTRO DO QUILOMBO

Ao falar sobre o empoderamento das mulheres negras no quilombo Nossa Senhora do Livramento, podemos compreender que esse processo não aconteceu de forma rápida, ele é resultado de uma caminhada histórica marcada por resistência, luta e organização coletiva.

Dando continuidade, trata-se de um movimento de resistência contra o machismo, sexismo e todas as formas de violência patriarcal. Como afirma Ribeiro (2018, p. 10), empoderar-se significa perceber: “Existia uma máscara calando não só minha voz, mas minha existência”, ou seja, tomar consciência de que muitas mulheres foram silenciadas e impedidas de se expressar. As mulheres quilombolas muitas vezes enfrentam desigualdades relacionadas ao gênero, raça, classe social e ao território. Por isso, como destaca Ribeiro (2018, p. 32), “O movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes no ser mulher”, reconhecendo as diferenças e desafios particulares de cada grupo.

Nos dias atuais, as mulheres do quilombo de Nossa Senhora do Livramento vêm conquistando espaços nas decisões comunitárias, estão participando ativamente das

associações, reuniões e movimentos que discutem melhorias para a comunidade, elas organizam eventos, ajudam no desenvolvimento de projetos e são vozes importantes quando se trata de reivindicar seus direitos e da comunidade.

Atualmente, elas são quem mantém viva as tradições religiosas, as festas, os saberes sobre as plantas medicinais, como por exemplo os chás e banhos caseiros, a culinária típica como a famosa “puqueca”, que significa peixe assado na folha da bananeira. Como ressalta Dealdina (2021), são elas que guardam, cuidam e repassam os costumes e tradições e, principalmente, as histórias dos mais velhos. Elas são vistas como guardiãs da cultura e memória de seus ancestrais.

A educação tem sido um ponto importante de empoderamento, pois, por meio dela, elas conseguem aumentar seus conhecimentos sobre direitos e fortalecer sua autoestima. Outro ponto importante é a autonomia econômica, pois muitas dessas mulheres desenvolvem atividades de agricultura, artesanato e pequenos comércios para que, mesmo com dificuldade, elas possam contribuir com a renda de suas famílias e fortalecer a economia local. Dessa maneira, esses movimentos não só as tornam independentes como também mudam as relações de poder dentro e fora do quilombo.

As mulheres do quilombo localizado na Vila Livramento, em Igarapé-Açu/PA, nos dias atuais, são reconhecidas como liderança, mães, trabalhadoras, estudantes e defensoras do território. Elas são vistas com mais respeito dentro e fora do quilombo, quebrando a perspectiva de que as mulheres negras quilombolas devem estar inseridas só na roça e no cuidar da casa. A atuação dessas mulheres nos mostra que o empoderamento não significa abandonar suas raízes, mas sim fortalecer sua identidade e transformar sua realidade.

LEIS E MARCOS LEGAIS RELACIONADOS AO EMPODERAMENTO DAS MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS

No que diz respeito às leis e marcos legais, são processos que respaldam todas as mulheres, em especial mulheres negras quilombolas. São processos que visam assegurar e promover a igualdade racial, de gêneros e direitos que essas pessoas têm. Então, é válido ressaltar a Constituição Federal de 1988, onde em seu art. 5º, inciso I, descreve que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, no termo desta Constituição”. Visto que essa descrição é o que reconhece a igualdade entre homens e mulheres e veda qualquer forma de discriminação.

Porém, embora esteja vinculado na Constituição, ainda é algo que está apenas no papel, uma vez que muitas mulheres, não só quilombolas, sofrem certos tipos de discriminação, pelo simples fato de ser do gênero feminino, são pessoas que são vistas como incapazes e têm suas capacidades questionadas por muitos homens.

Nesse contexto, em relação ao Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), estabelece-se que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”. O qual vem ressaltando que a garantia do território é um elemento central para o fortalecimento social, cultural e econômico dessas comunidades, e assim, impactando diretamente a participação das mulheres quilombolas nos processos comunitários e decisórios.

Pois é diante disso que surgem certas dúvidas em relação ao que as mulheres têm a ver com esse processo dos títulos de terras, ou seja, à garantia das terras em que vivem. Então, explicando melhor, essas mulheres têm toda uma relação por trás disso, pois não estamos falando apenas dos direitos às terras, mas sim, sobre as condições de vida, e é nesse quesito que as mulheres-mães-negras-quilombolas entram. Essas mulheres são pessoas que costumam atuar fortemente na organização social, na transmissão cultural, na educação de seus filhos e na economia local. Então, quando o território passou a ser garantido legalmente, essas pessoas passaram a ter mais segurança, autonomia e voz dentro da comunidade, favorecendo assim o protagonismo feminino, inclusive em cargos de liderança e tomadas de decisões dentro do quilombo.

Ademais, é importante ressaltar a Lei nº 12.288/2010, em seu Art. 1º, que estabelece diretrizes para a promoção da igualdade de oportunidades e o enfrentamento das desigualdades raciais. Pois, embora não seja voltada especificamente para as mulheres quilombolas, ela é uma lei que abrange todas as mulheres negras.

Deste modo, as leis e marcos legais mencionados evidenciam avanços significativos na garantia de direitos e no fortalecimento do empoderamento das mulheres negras quilombolas. Entretanto, apesar de inúmeros avanços, ainda se encontram desafios presentes, relacionados à efetivação dessas políticas, reforçando assim em relação às necessidades de processos contínuos que promovam a equidade, o reconhecimento cultural e o empoderamento das mulheres quilombolas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Os resultados apresentados neste estudo foram obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada realizada com algumas mulheres de dentro da comunidade de Remanescentes Quilombolas. Desse modo, a partir da entrevista, foi possível observar que as mulheres têm papéis fundamentais em relação à organização social na comunidade, uma delas atuou como líder dentro da localidade, outras como educadoras na escola da comunidade e muitas dessas mulheres, hoje em dia, estão cursando o ensino superior.

Além disso, as mulheres entrevistadas relatam alguns desafios recorrentes dentro da comunidade, pois, apesar dos avanços alcançados ao longo dos anos, ainda passam por dificuldades em relação à comunidade ser distante da cidade. Vale ressaltar em relação às análises dos dados, pois uma das entrevistadas foi a professora da localidade, a qual deixou clara sua trajetória de vida e sua identidade. É importante lembrar que todos os que participaram da entrevista consentiram que seus nomes fossem descritos na pesquisa.

Iniciando, a Geane, professora da escola da comunidade, tem 48 anos, é moradora do local. Possui graduação em História e Pedagogia, além de especialização, o que estipula em relação à sua formação acadêmica e seu compromisso com a educação e o fortalecimento comunitário. Desse modo, ao definir em relação às perguntas na entrevista sobre o que é ser mulher quilombola no território, a entrevistada respondeu que é “uma pessoa feliz e bem tratada pelos alunos, familiares e idosos e respeitada.”

Então, sua fala demonstra que a identidade quilombola está fortemente ligada ao pertencimento, ao reconhecimento social e às relações comunitárias levantadas no dia a dia.

Dando continuidade, em uma outra pergunta referente à sua participação em associações e sobre a importância desse espaço, a professora relata que:

Como já dito antes, as mulheres fazem a frente para quase tudo a ser resolvido, então participo de movimentos pela educação, faço parte do grupo de participação na igreja, e esses espaços são importantes para o fortalecimento de nossa cultura, religião e garantia de nossos direitos enquanto remanescentes de quilombo.

Logo, esses ambientes se configuram como importantes espaços de organização social e resistência feminina.

Ademais, perguntamos também sobre as dificuldades para ter voz política dentro e fora da comunidade, onde ela nos respondeu em relação à “falta de apoio e reconhecimento dos órgãos competentes e também o pouco conhecimento que a comunidade tem de seus direitos.”

Em relação à fala da entrevistada, percebe-se que esses fatores limitam a participação política e o acesso a políticas públicas voltadas às comunidades quilombolas.

Portanto, quanto à última pergunta em relação a quais são os maiores orgulhos que ela tem na sua trajetória como mulher quilombola, a professora relata sobre:

Me orgulho em habitar neste território de famílias batalhadoras, humildes, mas que estão sempre prontas para acolher quem precisar e principalmente por ver muitos dos nossos conseguindo alcançar seus objetivos e sonhos de vida, como minha filha que tem formação acadêmica pela UEPA e atua dentro de nossa comunidade.

Com isso, a entrevista vem evidenciando o protagonismo da mulher quilombola na educação, na organização comunitária e na preservação da identidade cultural. Ao mesmo tempo, vem revelando desafios relacionados ao reconhecimento institucional e à efetivação de seus direitos. Nessa perspectiva, conforme o que Silva (2003) vem explanando que, é uma forma de superar os processos relacionados às desigualdades de gêneros, dando alcance na autonomia e empoderamento tanto financeiro quanto social. Então, as mulheres negras quilombolas hoje, na atualidade, têm conquistado diversos procedimentos em relação às lutas pelo seu lugar de voz dentro de uma sociedade coberta pelo patriarcado, inclusive no meio educacional.

Dando continuidade, foi entrevistada uma outra mulher. A participante se chama Soraia, tem 33 anos de idade, é graduanda em Pedagogia, possui formação técnica em enfermagem e atualmente é coordenadora da Associação dos Remanescentes de Quilombos de Nossa Senhora do Livramento (ARQUINSEL) no quilombo Nossa Senhora do Livramento. Ao refletir sobre o que significa ser mulher quilombola em seu território, ela destaca ser: “uma mulher guerreira que luta todos os dias pelos seus objetivos e de toda a população de seu território e direitos”. Mostrando assim que sua identidade está profundamente ligada à resistência, ao compromisso coletivo e à defesa de seu território.

Além disso, perguntamos também sobre quais seriam seus maiores orgulhos na sua trajetória como mulher quilombola. Ela relata que:

Com certeza, a titulação de meu território, a formação em técnica em enfermagem e de estar cursando o nível superior e também ver as minhas filhas já participando de movimentos que acontecem dentro e fora do quilombo, pois atualmente elas fazem parte de um projeto educacional dentro do município, isto é o que me deixa muito orgulhosa em ver que desde cedo elas já sabem o que é lutar por seus direitos.

Desta forma, a fala de Soraia mostra que o empoderamento em sua trajetória está associado às conquistas coletivas e pessoais e também o quanto a educação é importante na luta por direitos na trajetória de vida de uma mulher quilombola. Neste sentido, o empoderamento das mulheres negras no quilombo se constrói na intersecção entre raça, gênero e classe, articulando assim formação, liderança e luta territorial. Nessa perspectiva, Selma Dealdina (2021) destaca que os processos de resistência vivenciados pelas mulheres quilombolas são

atravessados por diversos eixos de opressão, como o racismo, o sexismo, a constante negação de direitos e as invasões aos territórios.

Uma outra entrevistada foi Tereza Soares, de 63 anos, com escolaridade de 4ª série do Ensino Fundamental e atualmente agricultora aposentada e ex-coordenadora da Associação dos Remanescentes de Quilombos de Nossa Senhora do Livramento (ARQUINSEL).

Ao refletir sobre como ela percebe a importância das mulheres nas festas religiosas ou comunitárias do Quilombo, a entrevistada relata que "as mulheres estão sempre à frente das festas e movimentos de nosso Quilombo, então elas são de grande importância no desenvolvimento de nosso Quilombo." A fala da entrevistada mostra o protagonismo das mulheres na organização social, cultural e religiosa do Quilombo.

Perguntamos também quais seriam os seus maiores orgulhos na sua trajetória como mulher quilombola. Assim, nos relatou que:

Primeiramente, agradeço a Deus e à Nossa Senhora do Livramento por ser uma mulher quilombola, e também porque tudo o que sei e que sou aprendi com os nossos antepassados. Me sinto feliz por eles, mesmo na simplicidade deles, terem lutado e conseguido o que temos hoje, que são os nossos direitos garantidos por lei, e também de ter participado como coordenadora da associação do nosso quilombo, continuando a luta dos nossos antepassados e em que hoje a juventude é quem está à frente.

A fala da entrevistada evidencia que o reconhecimento da ancestralidade é central na construção de sua identidade, demonstra também que a memória coletiva se transforma em força política e sentimento de pertencimento, bem como o reconhecimento da juventude como continuidade da luta de seus ancestrais.

Essa perspectiva dialoga com a reflexão de Djamila Ribeiro (2018), ao defender que conhecer a própria história permite sempre com a "história única" e mudar narrativas negativas impostas a determinados grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo alcança o objetivo de analisar as formas de empoderamento das mulheres quilombolas na Comunidade de Nossa Senhora do Livramento, em Igarapé-Açu/PA, a partir de suas experiências, atuações comunitárias e trajetórias de firmeza no território.

Dessa forma, os resultados demonstram que o empoderamento das mulheres negras quilombolas se manifesta no dia a dia dentro do quilombo, por meio da liderança comunitária, participação social, transmissão de saberes, preservação cultural e da atuação ativa em relação às decisões coletivas realizadas por essas mulheres. Isso mostra que elas exercem papel central na organização e na manutenção da identidade relacionada à comunidade.

As experiências descritas nesse artigo revelam que essas mulheres desempenham papéis essenciais na luta contra as desigualdades de gênero e na administração do território, especialmente por meio da atuação da Associação dos Remanescentes de Quilombos Nossa Senhora do Livramento (ARQUINSEL), liderada por mulheres.

Além disso, compreendemos que essa comunidade se revelou um espaço de resistência em que as mulheres negras, por meio de suas histórias orais e memória, mantêm suas tradições e ganham espaços de representatividade nas decisões coletivas.

Portanto, a pesquisa contribui para a valorização das mulheres negras quilombolas enquanto protagonistas sociais, fortalecendo assim a compreensão sobre suas formas de resistência, empoderamento e participação na construção e no fortalecimento do território quilombola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2025]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial [...]. Brasília: Presidência da República, [2010]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em: 15 fev. 2026.

BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

BASTOS, Priscila da Cunha. **Jovem mulher negra quilombola: identidades e trajetórias**. Fazendo gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278289979_ARQUIVO_textocompleto.priscilabastos.pdf. Acesso em: 18 fev. 2026.

DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). **Mulheres quilombolas: território de existências negras femininas**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

DEALDINA, S. S. **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

DUARTE, Constância Lima Duarte. Isabela Rosdo Nunes. (org) **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / ilustrações Goya Lopes**. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição**.

Editora Filhos da África, 2018. 487 páginas.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia da Letra, 2018.

SILVA, Adriana Carneiro da. Empreendedorismo negro feminino no brasil: notas introdutórias. Congresso Nacional de Estudantes e Profissionais de Administração. Anais [...], Salvador, 2023. p. 1-11. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/conepa2023/trabalho/312149>. Acesso em: 19 fev 2026.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP